

A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR DA NARRATIVA DE BORGES

SEILA MARISA DA CUNHA ISLABÃO¹; ALINE COELHO DA SILVA²

Universidade Federal de Pelotas – Centro de Letras e Comunicação – seila.islabao@gmail.com

*Universidade Federal de Pelotas – Centro de Letras e Comunicação –
silva.aline.coelho@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se constitui na investigação e na análise de alguns aspectos no conto “Abenjacán, El Bojarí, Muerto en su laberinto” (BORGES, 2011), cuja principal característica de sua espetacular obra, é plantear incalculáveis possibilidades até chegar a uma possível interpretação de suas cifras. Os jogos literários que o autor projeta põem seus leitores atônitos e indiscutivelmente desconcertados.

Se sabe que o conto borgeano (Piglia, 2004), apresenta duas narrativas nas quais a história 1 expõe de modo cifrado a história 2. Esta trama começa a moldar-se desde seu paratexto, na epígrafe e nas notas do editor com filósofos inexistentes, por exemplo, “Abenjacán, El Bojarí”; com as referências que nos remetem a outros textos bíblicos, por exemplo, dos Profetas Jó, Isaías e Malaquias; e nas inúmeras referências ao Corão e à Cabala, em que os hiperlinks nos revelam verticalmente a profusão de significados dos signos expostos na narrativa. O que parece revelador para a história 1 se torna fundamental à compreensão da história 2. Ele narra as manobras e constrói perversamente uma trama secreta com os materiais de uma história visível: uma diversão para o autor e seu leitor, um jogo em contra o previsível e o convencional. Lê-lo significa passar por uma árdua aprendizagem, não tão somente dos homens e das palavras, mas das letras sagradas. Os caminhos se bifurcam e conduzem ao labirinto da história e somente um leitor “ideal” borgeano buscará nas fontes, investigará, analisará e aclarará tudo. Se sabe que a maior virtude de Borges escritor consiste precisamente em estabelecer possibilidades; induzir o leitor a um gesto de interrogação perpétua ou circular, para usar um término seu.

As consequências das escrituras de Borges, ainda hoje, são difíceis de medir. Em sua obra, as epígrafes, os signos, as referências, o universo

imagético, a cabala, o xadrez e todo seu amplo universo ficcional particular aparecem sempre com um propósito, mas, qual? Do que um leitor necessita para interpretar um texto borgeano? Como ler Borges, se seus textos são formados e recheados por cifras? Como ler Borges quando uma epígrafe está “equivocada” e levando em conta que o contexto amplo da citação é indispensável para a compreensão da obra em questão? Seria um deslize do autor?

Se pode dizer que num sentido mais amplo, a epígrafe em sua obra domina a narrativa e, além disso, se supõe que o cambio produzido pelo autor é um ato consciente e se trata de um enigma mais para o leitor atento ou intrigado; ao contrário, para o leitor passivo ou desatento, isto vai permanecer oculto, secreto. A este, talvez, não lhe seja possível gozar plenamente do universo literário do autor, visto a complexidade de suas produções ficcionais. A epígrafe borgeana expressa seus próprios gostos literários (anglo-saxões) ou suas fascinações filosóficas, no entanto, apesar de não evocar os textos, senão umas frases soltas, ela se encaixa perfeitamente na própria obra indicando o motivo principal da escritura como si fosse o próprio fio narrativo, introduz a chave do texto e proporciona um sentido ou significado novo, ampliando sua interpretação.

Na própria obra “Abenjacán, El Bojarí, Muerto en su laberinto, Jorge Luis Borges nos revela:

“(…) la solución del misterio siempre es inferior al misterio. El misterio participa de lo sobrenatural y aun de lo divino; la solución, del juego de manos”. (BORGES, 2011, pág. 903)

No entanto, deliberadamente, o autor objeto desta análise, maneja com os textos, buscando as epígrafes, os signos, as referências, a linguagem adequada, o ambiente, escolhendo os personagens e seus aspectos com uma estratégia singular e um extraordinário primor, mudando, construindo, refazendo a ordem natural, com uma perspicaz autoridade, cifrando-os, causando uma circularidade e uma grande interrogação para o leitor atento e perspicaz.

Ao mesmo tempo que ele vai criando, ele vai revelando o código cifrado para que seja decifrado, como se fosse revelar o grande mistério de Deus,

como se fosse revelar o grande segredo da humanidade. Isso tudo é uma provocação à nossa imaginação. É um desafio à nossa interpretação.

2. METODOLOGIA

Leitura minuciosa, investigativa e crítica da narrativa “Abenjacán, El Bojarí, Muerto en su laberinto”, de Jorge Luis Borges, visando a produção de sentido para o texto literário mediante as notas do editor com filósofos inexistentes, por exemplo, “Abenjacán, El Bojarí”; com a epígrafe “equivocada”; com as referências que nos remetem a outros textos bíblicos, por exemplo, dos Profetas Jó, Isaías e Malaquias, e nas inúmeras referências ao Corão e à Cabala, cujos hiperlinks nos têm revelado verticalmente a profusão de significados dos signos expostos na narrativa causando-nos assombros e até uma interpretação equivocada, já que como qualquer elemento de seus textos, a epígrafe e sua significação, é indispensável.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este texto, *Abenjacán, El Bojarí, Muerto en su laberinto*, conjuntamente com sua respectiva epígrafe, levam seus leitores a perderem-se pelas veredas do universo ficcional do autor, pelas tecituras cifradas espacialmente distantes e desconhecidas, ainda que acessíveis e presentes pela engenhosidade da narrativa, colocando-nos atônitos e desconcertados em relação à interpretação de sua escritura. Os caminhos se bifurcam e conduzem ao labirinto da história e somente um leitor “ideal” borgeano buscará nas fontes, investigará, analisará e aclarará tudo.

Ao longo da narrativa, vemos uma alegoria de signos e códigos a decifrar, por exemplo, como estão alguns no quadro abaixo:

a palavra “labirinto” (no título)	a epígrafe: “Son comparables a la araña, que edifica una casa.”
pipa (cachimbo)	teorema
poeta	escravo
leão	tribo nilótica
tesouro	“carta roubada de Poe”
“o quarto fechado de Zangwill”	universo

“parede de tijolos sem rebocar”	círculo
“parede dilatada que não se percebia curvatura”	linha reta
arco	círculo infinito
cego	encruzilhadas

E vemos alguns nomes, um tanto curiosos:

<p>Nicolás de Cusa - filósofo/místico nascido em 1401. <i>Para Nicolás, tudo começa e termina em Deus. Deus é tudo.</i></p>
<p>Zaid –</p> <p>Zaid transcreveu o texto do Alcorão, escrito em pergaminhos ou pedaços de couro, nos omoplatas das reses e dos camelos, nos ossos, nas pedras polidas, além de pedaços de porcelana.</p>
<p>El Bojarí –</p> <p>Entre os Sahabas (aqueles que sabiam todo o Corão de cor), havia um de nome ‘Al-Bujari’ (também sobrenome de um dos personagens deste mesmo conto), companheiro de Zaid e do Profeta Maomé.</p>

A epígrafe do conto ‘Abenjacán, el Bojarí, Muerto en su laberinto’ é um fragmento do “Corão”, o livro sagrado que contém o código religioso, moral e político dos muçulmanos. O texto original em árabe clássico é considerado pelos muçulmanos a palavra textual de Deus (Allah), revelada ao último Profeta, Maomé (Mohamed) através do arcanjo Gabriel. É chamado de “Livro das Revelações”. É “a luz orientadora para a humanidade”, segundo seus crentes.

No entanto, deliberadamente, Borges maneja com o texto, igual o fez o Último Profeta com as suratas. Ele busca a epígrafe, mas com uma estratégia singular e um extraordinário primor, troca a ordem da referência refazendo a ordem natural, mas agora com a autoridade que tinha Zaid, cifrando-os, causando uma circularidade e uma grande interrogação para o leitor atento e perspicaz.

Comparativamente, no livro “A arte da guerra”, vemos dois fragmentos muito importantes que se pode aproximar das estratégias do autor deste conto e que estão nesta análise.

De fato, vemos, assombrosamente, que ao longo de sua incansável produção artística, Borges criou uma obra admirável, gigante e muito delicada, na qual, mito e realidade se fundem com impressões totalmente novas, mas, com a maestria de um general criterioso.

Especialmente neste relato, objeto desta análise, existe um estreitamento de intenções, começando pela epígrafe.

Ainda que figure a surata 29, titulada como A Aranha (Al Ankabút), o texto não é do versículo 40, e sim, do 41.

Qual é o verdadeiro sentido deste paradoxal jogo estratégico que o autor decide estabelecer dificultando a interpretação ao leitor, trocando a referência dos versículos? Qual é a ligação estabelecida entre o relato de Borges com a teia de aranha e com a surata do Corão e, com a interpretação do relato?

“Borges, muito sabiamente, joga com as palavras, consciente de que elas podem suscitar a compreensão ou seu ofuscamento; que a manipulação e decodificação do verbo é uma fórmula conduzindo o leitor ao deslumbramento e ao assombro”. (ROANI, 2003, p. 94).

Borges, como um autor universal, nos leva a ver a palavra como uma via dupla.

Sua impactante escritura tem levado o leitor por caminhos obscuros, cheios de ramificações e sentidos. Assumindo sua erudição com a tenacidade e o júbilo de um apaixonado, vai causando assombros, deslumbres, perplexidades e questionamentos perpétuos, com sua obra diversa, desconcertante e rara.

“ _ ¿No es inexplicable esta historia?” (BORGES, 2011)

4. CONCLUSÕES

As considerações tecidas na análise deste texto borgeano, se convergem na epígrafe estrategicamente ‘equivocada’ que, todavia, possui significado que se conflui, mas, e se este texto não tivesse a epígrafe? O que mudaria? Qual seria o resultado da interpretação desta narrativa sem a engenhosa manobra do referencial aqui apresentado? A interpretação resultaria de um mistério desvendado ou de uma revelação a ser

compreendida? Esta constatação, sobretudo, foi determinante para a realização deste trabalho que se converteu numa empresa apaixonada, comprometida e enriquecedora, mas que não terminou, todavia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROANI, Gerson. **Literatura e Judaísmo: o rosto judeu de Borges**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

CALDERÓN, Demetrio Estébanez. **Diccionario de términos literarios**. Madrid: Alianza Editorial, S.A, 2008.

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas. Vol 1**. Argentina: Sudamericana. 2011.

MAOMÉ. **O Alcorão**. Tradução de Mansour Clallita. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2012.

SILVA, Aline Coelho. *'El ajedrez' como arquitetura nos contos de Borges*. **Anais do Seminário Nacional de Estudos Literários e Seminário de Estudos Literários da Região Sul**, Frederico Westphalen, n.1, PP.133-137, maio de 2007. ISSN 1981-3651.

SORRENTINO, Fernando. **Siete conversaciones con Jorge Luis Borges**. Buenos Aires: Casa Pardo, S.A., 1974.

STRATHERN, Paul. **Borges em 90 minutos**. Tradução de Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

TAVARES, Braulio. **Contos fantásticos no labirinto de Borges**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

ZAGURY, Eliane, tradução e organização. **Borges em diálogo; Conversas de Jorge Luis Borges com Osvaldo Ferrari**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

Genette, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia/SP: Ateliê, 2009.